

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Curso de Dança - Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

**Do vendedor de figuras a vendedor de saberes: a figura do Ambrósio na
formação do eu-professor.**

João Lucas da Cruz

Pelotas, 2019

João Lucas da Cruz

Do vendedor de figuras a vendedor de saberes: a figura do Ambrósio na formação do eu-professor.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Dança - Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Dança.

Orientador: Ms. Manoel Gildo Alves Neto

Pelotas, 2019

João Lucas da Cruz

Do vendedor de figuras a vendedor de saberes: a figura do Ambrósio na
formação do eu-professor.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para
obtenção do grau de Licenciado em Dança, Centro de Artes da Universidade
Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 03 de dezembro de 2019.

Banca examinadora:



Prof. Me. Manoel Gildo Alves Neto (Orientador)

Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Profª. Dr.ª Josiane Gisela Franken Corrêa

Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Profª. Mª. Juliana de Moraes Coelho

Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas

Dedico este trabalho em especial a minha Mãe Dalva Cruz e meu Pai Valdomiro Cruz que são minhas inspirações na vida e na arte, a minha família, a minha preta, e aos amigos que sempre me apoiaram em todas as minhas escolhas, sempre acreditando em mim e na minha arte, e também dedico aos professores que me apoiaram até o término deste trabalho.

**“Mais um negro se formando e a casa grande
pirando, a meta é deixar sem chão, quem rio
de noiz sem teto”**

Jão Cruz

RESUMO

CRUZ, João Lucas da. **Do vendedor de figuras a vendedor de saberes: a figura do Ambrósio na formação do eu-professor.** 2019. 47p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança - Licenciatura) - Curso de Dança - Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

A experiência do estágio é uma vivência que pode transformar o discente, propiciando uma gama de experiências, tais como, o aprendizado acerca da seleção de conteúdos, a produção de material didático e a criação de estratégias pedagógicas para o ensino. Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta percepções acerca do processo de formação do eu-professor a partir da experiência vivida no Estágio em Dança III, pré-requisito obrigatório na formação do licenciado em Dança na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O Estágio Curricular Supervisionado foi desenvolvido em uma turma de nono ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Piratinino de Almeida em 2017, teve como tema o Folclore. Utilizei como ferramenta para o ensino da dança a figura do Ambrósio, personagem da manifestação Cavalo-Marinho. Perpassa por esta pesquisa questões como: percepções pessoais sobre as nomenclaturas utilizadas para referir-se ao folclore, a inserção de conteúdos relativos às danças folclóricas na escola, a dança como componente curricular e como os saberes/fazeres do Mestre Ambrósio estimularam a formação do eu-professor. É uma pesquisa qualitativa, inspirada na A/R/Tografia e não apresenta uma base teórica única, traz tanto autores da educação quanto da cultura popular que agregam a pesquisa dinamizando a discussão sobre os temas discutidos.

Palavras-chave: ensino e aprendizagem; Ambrósio; eu-professor

ABSTRACT

CRUZ, João Lucas da. **From the seller of figures to the seller of knowledge: the figure of Ambrose in the formation of the self-teacher.** 2019. 47p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança - Licenciatura) - Curso de Dança - Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

The internship experience is an experience that can transform the student, providing a range of experiences, such as learning about the selection of contents, the production of didactic material and the creation of pedagogical strategies for teaching. This undergraduate final project presents perceptions about the process of formation of the teacher-self from the experience lived in Internship in Dance III, a mandatory prerequisite in the formation of the graduate in Dance at the Federal University of Pelotas (UFPel). The Supervised Internship was developed in a ninth-grade class of the Piratinino de Almeida State School of Elementary School in 2017, with the theme of Folklore. I used as a tool for the teaching of dance the figure of Ambrosio, character of the Cavalo-Marinho manifestation. Questions such as: personal perceptions about the nomenclatures used to refer to folklore, the insertion of contents related to folk dances in school, dance as a curricular component and how the savoir faire of Mestre Ambrósio stimulated the formation of my teacher-self. It is a qualitative research, inspired by A/R/Tography and does not present a unique theoretical basis, brings both education and popular culture authors that aggregate the research, stimulating the discussion about the approached topics.

Keywords: teaching and learning; Ambrósio; me-teacher

Lista de Figuras

Figura 01	Figura do Ambrósio	17
Figura 02	Roda da brincadeira do <i>Mergulhão</i>	19
Figura 03	Fazendo a introdução aos conteúdos de cavalo-marinho	27
Figura 04	Profª Daniela Mendiondo fazendo uma atividade sobre Pop Art	27
Figura 05	Ensinando os passos do <i>Mergulhão</i> para os alunos”	37
Figura 06	Ensinando os passos do <i>Mergulhão</i> para os alunos”	37

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
Trajetória até chegar na universidade.....	9
Projetos, estudos e afins.....	11
Produções artísticas na academia	13
Artista, Pesquisador, Professor.....	14
1. INTRODUÇÃO	15
2. ESCOLA E FOLCLORE	22
2.1 Importância da dança na Escola.....	22
2.2 Folclore ou Cultura Popular	24
3. A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO	26
3.1 Do estágio	26
3.2 O Ensino de dança	30
3.3 A turma	31
3.4 Dos jeitos e trejeitos em sala de aula	32
4. A BRINCADEIRA DO CAVALO-MARINHO	35
5. EU-PROFESSOR	39
6. CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	45

APRESENTAÇÃO

Trago aqui neste trabalho de conclusão um pouco de minha trajetória de formação enquanto docente, escrever sobre essa caminhada não é tarefa fácil, mas nesta monografia apresentarei minhas andanças acadêmicas, entre tropeços, escolhas, crises, felicidades e autoconhecimento.

Talvez está escrita não contemple todos os detalhes dessa minha trajetória, pois sei que, só vivendo o momento, alguém saberia das sensações e sabores que senti.

Irei dividir esta narrativa em alguns momentos, talvez elas se cruzem, mas estarão divididos para uma maior compreensão. Estes momentos são: Minha trajetória até chegar a universidade (compartilho um pouco de como foram meus últimos anos após o ensino médio até minha chegada a universidade); Projetos, estudos e afins (relato um pouco sobre minhas passagens pelos projetos que fiz parte e minha experiência como acadêmico); Produções artísticas na academia, (trago aqui algumas das minhas produções e participações artísticas que aconteceram até o presente percurso); por fim formação Artista, Pesquisador, Professor (relato aqui este momento).

TRAJETÓRIA ATÉ CHEGAR A UNIVERSIDADE

Minha história com a arte começa tarde em minha cidade São José dos Campos/SP e meu interesse com dança também, tive uma boa educação, a arte sempre vinha pela música e pouco pelas outras linguagens artísticas, de certa forma, isto não foi uma barreira, sentia que meu interesse por arte era diferente dos interesses de meus irmãos.

No ensino médio eu já tinha um norte tomado e sabia o que queria da minha vida, conciliando minha vida que já era artística com o futebol que ainda era a esperança de sucesso. Fui me organizando para que tudo fosse se ajeitando, porém me decidi ainda no início do ensino médio o que realmente queria, larguei o futebol e me dediquei fielmente à vida artística que já estava ganhando um rumo interessante.

Neste momento, o folclore surge em minha vida, a partir de um grupo de danças populares que conheci e me integrei, para mim foi algo muito significativo porque me encontro com um Brasil riquíssimo em sua cultura, e isso tudo se dá através do folclore. A Dança então começa a fazer ainda mais sentido na minha vida! Começo a olhar tudo que me cercava com outros olhos, me aproximo da cultura do país através da Dança, esse foi o maior ganho que tive nesta época. Naquele momento eu não precisava focar tanto em gêneros de dança de outras culturas, eu poderia usar técnicas corporais da minha cultura para estudar corporalmente.

Nesta época eu praticava alguns gêneros de dança que me deram base para tudo que conheço hoje. Por via das Danças Urbanas eu estava com um corpo preparado para aprender o que me ensinassem e não foi diferente, aprendi as bases do jazz, balé, dança de salão, dança contemporânea e o sapateado americano, que se tornou uma grande paixão antes de eu conhecer todas estas danças. Foi de grande valia conhecer tudo isso, esses saberes/fazerem me proporcionaram passar por algumas cias antes de chegar aonde estou atualmente.

No período de ensino médio decidi profissionalmente que a minha vida seria na arte, independente do que fosse, Dança, Música ou Teatro, gêneros das artes que atuava, lá no início conciliava tudo, tinha em mente que precisava ser um artista completo. Iniciei primeiro no teatro, mas a dança sempre esteve presente no meu dia a dia através dos ensaios do grupo “Cultura de Rua” onde minha irmã dançava. Minha irmã, que me apresentou a dança como forma artística, e foi por suas andanças quando eu a acompanhava, que tive oportunidade de dançar junto a ela no começo de tudo.

Pós ensino médio chegaram as tentativas de ingressar na universidade, tentativas estas que não foram poucas, foram quatro anos tentando ingressar no curso de teatro da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tentativas falhas, mas que serviram de muito aprendizado para me preparar melhor.

Após tentativas de estudo caseiro e até mesmo de cursinho para ingressar, no momento mais inoportuno veio o ingresso. Depois dos quatro anos eu tinha desistido e fiquei dois anos fazendo minhas artes sem pensar em graduação, e foi no ano de 2012 que sem pretensão alguma, fiz a prova do

ENEM para testar os conhecimentos e acabo me surpreendendo com a nota que me dava a possibilidade de ingressar na universidade.

Sem plano algum de realmente ingressar em algo, no ano seguinte me veio uma vontade inexplicável dizendo que aquele era o momento, Era o momento também da dança concretizar o rumo da minha vida, com dois anos de muito trabalho e produção em dança, tomo então a decisão de ingressar sim na universidade, mas agora não no teatro e sim na dança, com nota o suficiente para escolher para onde pudesse ir, escolho, então, Pelotas, como minha próxima parada e meu próximo lar por alguns anos. Aqui início minha vida universitária. Ela tomou rumo diferente, partindo do teatro para a dança, sempre busquei ser um artista completo mais do que apenas ter um rótulo artístico, busquei na dança uma formação acadêmica.

PROJETOS, ESTUDOS E AFINS

Meu ingresso na universidade foi algo que ninguém esperava, principalmente minha mãe. Chegar em Pelotas e cursar Dança na universidade pública é uma das conquistas que dou maior valor na minha vida, porque ocupo um lugar que é meu e tenho a certeza de que aqui é o lugar onde eu tinha que estar.

Já na Universidade encontro um mundo diferente do que já havia experimentado, um lugar de saberes diversos e corpos distintos. O interesse só aumentou e as descobertas diárias me modificaram. Estudar coisas que eu nunca pensei estudar, foi algo extremamente prazeroso e fascinante. Era como uma formiguinha ali dentro, imerso em um mundo cheio de pensamentos e pensadoras e pensadores.

Estudar a história da dança, novos modos de ensino e formas diversas do fazer me deixou entusiasmado, queria participar de tudo e foi assim que entrei no meu primeiro projeto, o Tatá núcleo de Dança-Teatro¹, onde fui bolsista por um tempo, mas nada de novo na minha vida. Por ser artístico e envolver produção, criação e práticas artísticas, estava fazendo nada mais do

¹ O Tatá núcleo de Dança-Teatro é um projeto de extensão do curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

que eu já não fizesse fora da faculdade. No entanto, ter entrado no Tatá me mostrou novas formas de pensar/fazer a dança na minha prática.

No Tatá aprendi muito sobre dança e produção, pensávamos em uma dança cênica, capaz de produzir pensamento crítico. Durante algum tempo, em uma das ações do grupo, ministrávamos oficinas para professores de escolas públicas e municipais, capacitando-os para aplicar atividades que relacionassem a Dança como meio de aprendizagem.

Nesta mesma época também lembro de ter conhecido o Núcleo de Folclore da UFPel (NUFOLK)², projeto da qual fiz parte anos depois. Essa participação me deixou interessado em conhecer como funcionava, já que está era a área que escolhi para a minha vida, vi que era mais um dos projetos do curso e fiquei ainda mais empolgado com essa notícia.

E anos depois me tornei bolsista do projeto realizando várias atividades e me integrando ao grupo de pesquisa onde discutíamos sobre as manifestações marginais que existiam no Rio Grande do Sul. Mas um pouco antes de entrar no NUFOLK, fiz um teste para integrar a Cia Abambaé³ onde o professor Thiago Amorim era diretor, e também responsável pelo NUFOLK.

Como uma “coisa leva a outra”, fiz parte do projeto por um ano, mas da Cia Abambaé fui bailarino por 5 anos e alguns meses, saindo no final de 2018 para correr atrás de outras realizações. O tempo que estive na Companhia me deu muita bagagem como bailarino e pesquisador da cultura popular, me propiciando levar minha cultura a outros países e cidades.

Em paralelo com tudo isso ainda fiz trabalhos fora da universidade, em Companhias locais e outros trabalhos com artistas da cidade, tentando conciliar os estudos a isso tudo. Fui bolsista de alguns outros projetos do curso e tive experiência de trabalhar com várias pessoas legais que me fizeram crescer, em todo tempo de universidade fui extensionista e tenho orgulho disto, pois sei da importância da extensão na universidade e na comunidade também.

Resumidamente minha chegada à Pelotas foi um novo recomeço, como artista, pesquisador, como negro, e principalmente como cidadão, nesses anos aqui aprendi bastante, com muitas pessoas. Tenho apenas que agradecer

² Núcleo de Folclore é um projeto de extensão do curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

³ Cia Abambaé de danças brasileiras, cia Cruz altina fundada em Cruz Alta, atualmente sediada em Pelotas.

pelxs professorxs que passaram em minha vida acadêmica e os que passaram em minha vida escolar, pessoas de valor imensurável! Sempre pude contar com todxs, em diversos momentos sem nenhuma distinção ou empecilho. Esses mestres me formaram enquanto pessoa, e me fizeram acreditar que posso chegar onde quiser nessa vida.

PRODUÇÕES ARTÍSTICAS NA ACADEMIA

Em todo o meu trajeto acadêmico tentei ao máximo produzir material de pesquisa, nunca deixei de participar deste tipo de produção, enquanto aluno avalio que, não consegui ter uma boa somatória de trabalhos de pesquisa produzidos, mas todos que foram produzidos tiveram grande relevância. Com poucas publicações, me vejo ainda engatinhando neste meio em que a cada piscada se avança um passo, talvez o meio acadêmico ainda me guarde coisas boas, não quero me distanciar dele, mas não quero me prender ao mesmo. Concluo esta graduação com um gosto de quero mais, um quero mais que irei degustar aos poucos, com o tempo e quando menos esperar quero estar de volta, aprimorando ainda mais meus conhecimentos, seguindo sempre em formação.

Mas nem só de pesquisa vive o artista, há o artista que habita em mim, ele que me move a cada dia que passa, com muitos ires e vires minhas produções culturais chegaram a um patamar onde me vi produzindo em quatro, cinco anos, mais que em toda a minha vida, a vida artística que criei em Pelotas me levou a lugares onde nunca havia ido. Me fez conhecer pessoas que nunca imaginei conhecer. Passei por mais de 15 trabalhos artísticos em todo esse tempo na cidade, trabalhos estes que aconteceram dentro e fora da universidade, entre produções próprias e de terceiros, todos foram muito relevantes para mim e para outras pessoas também, criações que tenho muito prazer em dizer que fiz parte ou ajudei a criar, assim se constitui meu Eu-artista e minha produções na vida.

ARTISTA, PESQUISADOR, PROFESSOR

Eis que chego a última parte desta apresentação, onde faço uma reflexão sobre esta parte que me constitui dos pés à cabeça hoje em dia. Me tornar tudo isto é quase que um *Big Ben* dentro de mim, claro que muitos vão falar, “mas, todo artista é pesquisador e tem um pouco de professor”, talvez, minha identidade era constituída apenas pelo eu-artista e conseqüentemente o eu-pesquisador.

Em toda minha vida artística nunca dancei algo em que eu não procurasse entender os sentidos e os significados. Em determinada época de minha vida que conheço algumas Danças Populares, especificamente, Danças Tradicionais Brasileiras (DTB), me transformo na pessoa mais curiosa desse mundo. Pesquisando tudo e todos, buscando em todos os lugares meios de conhecer sempre um pouco mais de tudo que estava aprendendo.

Nesse momento percebo estar me tornando, da noite para o dia, pesquisador. Conhecer as Danças Populares foi o *boom* na minha vida, eu que apenas conhecia danças como balé, jazz, dança contemporânea, sapateado, danças urbanas, entro em um novo universo todo brasileiro, cheio de cores e com uma energia ímpar.

Nestas danças então, passo a perceber que de certo modo eu já estava incluído naquele universo, só não sabia classificar que era dança popular ou tradicional, mas já gostava mesmo assim, saber classificar o que é depois se tornou era apenas um detalhe. Mas surgiu um encantamento quando conheci o Cavalo-Marinho. Inicialmente não sabia identificar aquele sentimento que habitava em mim naquele momento.

Ver os movimentos, as músicas e principalmente seus personagens para mim foi o ápice. Não entendia se era popular, tradicional ou folclórico, foi a Dança em seu aspecto mais sensível que me tocou. E desde aquele momento a paixão só aumentou.

Tanto é que este trabalho de conclusão de curso perpassa pela minha pesquisa artística com o cavalo-marinho, de forma a trazer à tona todo meu encantamento com essa manifestação.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso busca apresentar e analisar meu processo de formação do eu-docente a partir da experiência vivida no Estágio Curricular Supervisionado ocorrido na componente curricular estágio III voltado para os anos finais e ensino médio do curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Esse estágio ocorreu em 2017 na Escola Municipal Ensino Fundamental Piratinino de Almeida localizada no bairro Areal, na cidade de Pelotas-RS, com uma turma de 9ºAno; Segundo o PP (Projeto Pedagógico) do curso de Dança, o Estágio em dança III nele foi trabalhados conteúdos voltado ao tema: Danças Populares.

Minha percepção de artista-docente-pesquisador, parto do entendimento que o folclore não é composto somente por mitos e lendas, mas também de costumes e saberes, além de Danças. Compreendendo que ensinar Dança a partir das manifestações e brincadeiras folclóricas está para além do senso comum, é conhecer mais sobre nós e sobre o nosso entorno, a fim de nos tornarmos mais conhecedores de nossa cultura.

O ensino do folclore ainda é tratado de modo superficial e precisamos mudar isso, dado que o folclore de uma região ou lugar é o que caracteriza um povo. Ensinar sobre o folclore se torna ainda mais urgente, para o exercício de alteridade.

Sabendo das várias possibilidades para trabalhar qualquer conteúdo em sala de aula, planejar de maneiras diversificadas atividades que levem os alunos a entender processos culturais é papel do professor. O folclore, por si só, compreende um amplo campo de manifestações. Ora, como dito, as festas, músicas, danças, textos, e quaisquer outras características que possam mesclar história com o contemporâneo e surgir efeito implícito no povo, pode ser considerado folclore. (GONÇALVES; GRAUPMANN, 2015, p. 6288)

Nesta pesquisa também analiso a minha atuação enquanto professor de Artes, a fim de identificar estratégias utilizadas para o ensino do folclore na Escola, investigando modos de usar a brincadeira do Cavalo Marinho como ferramenta para seu ensino da Dança e Cultura Brasileira. O Cavalo-Marinho é uma dança tradicional da zona da mata norte de Pernambuco.

Mistura de dança, música, teatro e poesia organizada sob a forma de espetáculo de rua, com duração de até oito horas, a brincadeira de cavalo-marinho teve sua origem, segundo seus brincadores, nas senzalas da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Com vistas a contribuir para o entendimento das condições sociais e econômicas nas quais a brincadeira do cavalo-marinho se encontra inserida, assim como seus brincadores, é importante discutir alguns aspectos que assumiram papel decisivo na ocupação histórica e geográfica dessa região (ASCERALD, 2013, p. 28).

No decorrer do trabalho discutirei um pouco mais sobre a inserção do cavalo-marinho no processo do estágio e como foi trabalhar com o mesmo em sala de aula.

O Foco do Estágio em Dança III são os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, onde o estagiário tem a opção de escolher com qual ano quer trabalhar, isso vai do quinto ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio. Escolhi uma turma de nono ano (9º) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Piratinino de Almeida. Percebi que fiz a escolha certa, a turma ainda não estava com a pressão de fazer alguma prova importante na vida como o ENEM, por exemplo, prova importante que os deixassem preocupados com seu resultado esperando uma boa atuação para conseguir uma vaga na universidade, e também não estavam com a pressão de se formar.

Os encontros foram muito positivos e gratificantes, vale salientar que durante o meu estágio a escola tinha um Projeto de Dança ministrado pela egressa do curso de Dança-Licenciatura da UFPEL, Sandra Dias. A professora ministrava aulas de Dança Tradicional Gaúcha e Dança Livre.

Estar em contato com a escola foi também um ponto positivo, pois as atividades de Dança tinham credibilidade frente a direção, o que facilitou minha entrada na escola, e por isso, talvez, refletiu na receptividade dos conteúdos que eu desenvolvi.

Como metodologia para o ensino de Danças Folclóricas usei a figura⁴ do Ambrósio, personagem principal dentro da manifestação do Cavalo-Marinho, sendo ele uma chave para falar sobre o folclore no contexto escolar, rompendo

⁴ Figura é um modo que os brincantes chamam os personagens da manifestação cavalo-marinho, é um modo mais popular a meu ver da manifestação de se referir a esse termo “*personagem*”. Segundo Ascerald (2013), “As figuras são personagens do cavalo-marinho. Podem aparecer como homens, mulheres, jovens, velhos, mas também como animais ou seres fantásticos, em grupo ou sozinhas de forma episódicas ou prolongadas, fazendo alusão à realidade e ao imaginário local.”

com a maneira tradicional como é debatido o folclore, geralmente por via de lendas, parlendas ou mitos. É preciso um aprofundamento sobre o folclore, pesquisando mais sobre quem são os mestres da cultura popular, conhecendo de fato quem são as figuras que pesquisam e escrevem sobre, mergulhando mais a fundo e entendendo como se dá todo este ensinamento que é empírico e passado de geração a geração, alargando o ensino para discussões sobre costumes e saberes, bem como as Danças, ou até mesmo a discussão sobre o termo “folclore”, que surgirá no capítulo a seguir.



“Figura 1: Figura do Ambrósio – Foto: Autor desconhecido” Ano (2008)
Fonte: <http://www.essencialcasa.com.br/cavaloroupas.asp> Acesso: 15 Nov. 2019

O projeto do estágio visava desenvolver um estudo acerca da projeção folclórica dentro da escola, estimulando jovens a atividades de pesquisa e prática do folclore, tendo em vista fomentar a construção de corpos dançantes a partir das bases das danças folclóricas, com um entendimento alargado sobre as mesmas e um olhar amplo para a pesquisa. É de extrema importância para a Dança enquanto linguagem artística desenvolver conteúdos sobre o manifestações folclóricas, porque a dança consegue de forma sensível também transformar os alunos em cidadãos pensantes e a partir dos saberes/fazeres o folclore promove um reconhecimento para os cidadãos enquanto povo, seus costumes, seus conhecimentos, sua cultura, ser o povo conhecendo e se reconhecendo enquanto povo.

O projeto alcançou bons resultados em seu período de execução, pois os alunos costumavam ser participativos e fazer os trabalhos que foram solicitados. Vejo como positivo todo o processo do período do estágio, e a partir da análise do processo, crio o objetivo principal para este trabalho de conclusão de curso.

A intenção central deste trabalho é apresentar minhas percepções como artista-docente-pesquisador que só se efetivou na prática dentro da escola. Antes do professor, entro na escola como artista, e isso me constitui como professor. Esta é uma pesquisa qualitativa, que inspirada na A/R/Tografia descreve um pouco sobre minhas experiências de vida, enfatizando as caminhadas na arte e as experiências acadêmicas que adquiri com o tempo na licenciatura em Dança (UFPEL), entrelaçando arte, docência e vida. Segundo Irwin (2016, p. 13),

A A/r/tografia é uma pesquisa com base na prática e apresenta as ideias do artista, do pesquisador e do professor: A, R, T em referência ao Artist, Researcher e Teacher (Artista, Pesquisador e Professor). Arte e texto se situam de forma integrada. Podemos pensar a respeito da arte e do texto nas pesquisas que estamos fazendo ou do tipo de escrita que estamos elaborando. Mas na grafia A/R/T há uma divisão entre A e R, entre R e T, e isso é relevante. Na época essas identidades eram de extrema importância e não queríamos apenas integrar todas as identidades em uma só. Percebemos que havia espaço para o artista, para o pesquisador e para o professor e por isso colocamos essa divisão para enfatizar os espaços entre essas identidades. Portanto é uma forma artística de pensar a palavra ART com base na prática do artista, do pesquisador e do professor.

Desse modo, utilizando-se da A/R/Tografia buscou-se mostrar que a arte consegue sim unir estas três vertentes que conversam entre si, o artista, o pesquisador e o professor, e que a partir de todo o processo do estágio pude perceber que, o eu artista poderia me fazer chegar no eu professor, não esquecendo que o pesquisador implicitamente estava em mim. Reconhecendo que por mais que eu assumisse a identidade de professor, durante todo o processo de estágio, não deixei de lado o artista e o pesquisador que me constituem.

O tema abordado neste trabalho é o ensino das danças populares no contexto escolar como disparador para o meu reconhecimento enquanto docente, a partir da reflexão acerca do processo vivido na disciplina de Estágio em Dança III, onde usei a figura do Ambrósio para o ensino da dança na

escola. Ambrósio é um personagem da manifestação cavalo-marinho muito potente para o ensino em Dança.

O Cavalo Marinho é um folgado tradicional da zona da mata norte de Pernambuco, a manifestação acontece também em alguns estados próximos de Pernambuco. Esta brincadeira se aparenta muito com algumas manifestações como a do Bumba meu boi. Por se localizarem tão próximos os estados, suas influências se cruzam fazendo-os se parecer bastante. Na brincadeira do cavalo-marinho também existe o "auto do boi", mas a mesma contém suas características próprias como "*Mergulhão*" (maguio) onde se é dançado em roda e seus participantes se desafiam tentando fazer com que o outro perca o ritmo, dividido em três categorias de personagens.



“Figura 2: Roda da brincadeira do *Mergulhão* – Foto: Vlademir Alexandre” Ano (2011)
Fonte: <https://alemdomar.wordpress.com/tagcavalo-marinho> Acesso: 15 Nov. 2019

A manifestação contém diversos personagens: humanos, fantásticos e animais, todos são parte do folclore da região (Grillo, 2011). Autores como Roberto Benjamin (1999), Maria Acserald (2002, 2013), Helena Maria Tenderini (2003), Vera Cristina Athayde (2010), nos mostram de diferentes ângulos como se dá a manifestação do Cavalo Marinho em seus textos e livros.

Para Roberto Benjamim (1999) estudioso da área, o cavalo-marinho é uma festa de ciclo natalino, configurada teatralmente em um auto, onde encontramos vários folguedos como bumba-meu-boi, reisado, maracatu rural, todos estes folguedos possuem algo em comum, e se constituem de música, dança e teatro, sempre representando personagens do imaginário popular da região.

Maria Acserald (2002) antropóloga e bailarina pesquisadora da área, traz uma rica e sensível descrição da manifestação tal como é praticada, mas também nos traz um debate instigante sobre as possibilidades de uma “estética” do cavalo-marinho.

Helena Maria Tenderini (2003), fala das possibilidades entre o real e a brincadeira, analisando essa fronteira que a brincadeira tem com a realidade da região e o como a mesma pode nos mostrar histórias e situações do cotidiano das cidades e canaviais da Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Já Vera Cristina Athayde (2010), pesquisadora da área, nos mostra estudos mais específicos sobre a manifestação, mas com um foco especial na figura do Ambrósio, com estudos corporais partindo dos movimentos da figura para a construções coreográficas.

Trago Marques (2003) entre outros autores no capítulo 2, pois me ajudaram a construir uma base teórica para a confecção deste trabalho, como suporte pedagógico para refletir sobre a dança no contexto escolar.

O trabalho também conversará com autoras que pesquisam a manifestação do Cavalo-Marinho, tais como Maria Acserald (2013), Helena Maria Tenderini (2003), Roberto Benjamin (1999), autores estes que serão citados especificamente logo mais no capítulo 3.

Como instrumento para obter dados para o trabalho utilizei o relatório do estágio, produzido ao final da disciplina, neste momento o relatório me serve de documento para análise, reflexão e obtenção de dados.

Também recorro as memórias e relatos pontuais, para refletir sobre essa experiência. Utilizei esses materiais em especial no capítulo 4, onde faço conexões entre a prática e a teoria, reforçando assim que não é só de prática que a dança se estabelece na escola, mas também de teoria.

Relatar e teorizar essa experiência é reviver na memória o processo, analisando o quão formativos podem ser a Dança e o Folclore para xs alunxs e para o ambiente escolar.

[...]a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; (colaboração em grupo) a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres e técnicos. Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/ para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade, o que ocorrerá, é obvio, caso o professor não

se deixe cegar pelo trabalho de performance técnica. (PEREIRA, CANFIELD, 2001. p.61).

Percebo em minha vivência o quanto é importante a Dança dentro da escola. E acredito na importância dela no processo de autoconhecimento e formação do senso crítico, temos que problematizar a dança na escola como saber/fazer que é mais que lazer, que serve de instrumento para a construção de cidadãos pensantes.

Poder trabalhar com a dança folclórica dentro da escola é algo que me alegra e me dá esperança de continuar ensinando. Ensinar folclore, a partir da dança na escola não acontece por acaso, meu envolvimento com a cultura popular desde jovem me proporcionou um grande conhecimento e curiosidade em conhecer novas danças, tradições e pessoas diferentes. O desejo de trazer o folclore para a escola a partir da dança é algo que me faz sentir mais pertencente a cultura de meu país, pois sempre penso que conhecer as raízes e tradições é um caminho para demonstrar quem tu és realmente.

Assim, me vi como Ambrósio dentro de sala de aula, sua honestidade enquanto figura e vendedor me causa empatia e me faz perceber que somos iguais, cada um buscando seu lugar ao sol, ele tentando vender suas figuras e eu tentando ensinar outros saberes.

O Cavalo-Marinho, apesar de existir em contextos diferentes, traz para a escola um corpo que os alunos não estão acostumados a ver em seu dia a dia, movimentos rápidos, corpos malemolentes e personagens que chegam a beirar o ridículo. Isso produz o encantamento em quem conhece pela primeira vez a manifestação. Conseguir ter os alunos presos a um conteúdo que não faz parte de suas vivências, é algo desafiador para o professor convencional, agora imagine para um professor/estagiário em dança na escola?.

2. ESCOLA E FOLCLORE

2.1 A Importância da dança na Escola

Se vamos falar de dança na escola e sobre como foi toda a experiência do estágio, vale explicar um pouco sobre o que vem a ser a dança na escola, qual a importância dela e como ela pode ser um agente transformador dentro da mesma. Sabemos que há alguns anos foi decretada a lei 13.278/2016 que inclui as artes em sua gama geral para o ensino na escola, quase todos os componentes de artes entram nesta lista, podemos observar nessa notícia publicada no site do senado.

Foi publicada nesta quarta-feira (3) a Lei 13.278/2016, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica. A nova lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB — Lei 9.394/1996) estabelecendo prazo de cinco anos para que os sistemas de ensino promovam a formação de professores para implantar esses componentes curriculares no ensino infantil, fundamental e médio (AGÊNCIA SENADO, 2016).

Podemos observar que nem todas as áreas artísticas entraram na lista, mas não irei me ater a isto neste momento, a dança aparece na lista como um dos componentes de ensino das artes como prevê a lei, mas ela realmente está incluída na escola?. Talvez no papel sim, mas queremos ela na prática sendo ensinada, discutida e explorada pelos alunos.

Em outro parágrafo da mesma notícia podemos observar que há indicações sobre algumas especificações para este ensino das artes.

A legislação já prevê que o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, seja componente curricular obrigatório na educação básica, “de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (AGÊNCIA SENADO, 2016)

A parte em específico que quero salientar diz respeito às formas de promover o desenvolvimento cultural dos alunos, esta parte me chama muito a atenção, pois é aqui onde eu me identifico para ensinar a dança folclórica na escola e incluir a mesma como componente curricular. Atualmente ainda não

vemos a dança se efetivar de forma concreta no currículo escolar, percebemos que a dança talvez não tenha nem sido cogitada como parte do ensino na escola ou até mesmo parte do currículo, sendo vista ainda como recreação.

Historicamente a Dança não tem se encaixado nos padrões de ensino escolar, percebida muitas vezes como recreação ou modo de vida saudável, a dança na escola é uma mera ilusão que muitas vezes nem é vista como forma de educação.

A respeito do desenvolvimento cultural, acredito que temos o dever de promovê-lo enquanto professores de dança na escola, pois ensinar a dança apenas pelo movimento é beneficiar o aluno de forma limitada, devemos criar uma cultura da dança dentro da escola, porque assim teremos chance de alcançar o ápice do ensino da dança na escola.

Além do desenvolvimento de uma cultura dançante na escola, vejo que a partir disto estimularíamos uma cultura que valorize o popular como um saber/fazer nosso, percebendo que tudo que está ao redor dos nossos modos de operar também é cultural, também tem seu valor. Olhar com carinho para a sua cultura local e perceber o quanto a dança está inserida nela. Levar essa discussão para conteúdo de dança na escola é abrir novos horizontes para os alunos, dar valor a essa cultura dançante que o permeia.

E qual seria o papel da escola nisso tudo?. Atribuo a ela o papel de instrumentalizar e fiscalizar se os conteúdos específicos da dança estão sendo executados na prática das aulas de artes. Garantindo que haja reflexão sobre o conteúdo, e não uma mera reprodução de movimentos, possibilitando a construção de conhecimento, que é algo essencial para o desenvolvimento social do aluno (Marques, 2003).

Acredito que a escola tem a obrigação de dar suporte para que a dança exista dentro dela, no entanto, somente o apoio não é o suficiente, ainda se deve pegar na mão da dança e mostrar a ela que a mesma também é uma disciplina importante dentro da escola assim como qualquer outra disciplina, tornando também a chegada do professor de dança mais tranquila. Por isso, é muito importante o aporte da direção para quem vai estagiar na escola, ser bem auxiliado na sua chegada, é algo que traz segurança para a execução do estágio.

2.2 Folclore ou Cultura Popular

Por muito tempo sempre que as pessoas me perguntavam “você faz aula de que?” Eu dizia: “faço aulas de folclore”. Com o tempo as nomenclaturas foram mudando e o meu entendimento também. Quando iniciei, à nomenclatura do que eu fazia era “Parafolclore”, termo usado para referir-se ao grupo que cria a partir das tradições, possuindo maior liberdade de criação e de modificação da estrutura coreográfica. Durante muito tempo, esse era, e ainda é, um termo muito usado por alguns grupos no Brasil, mas para mim o que eu fazia sempre foi folclore, independente do palco ou não.

Foram anos dançando aquilo, após vários cursos comecei a afirmar que, o que eu fazia era folclore, pois eu dançava e ensinava Danças Folclóricas. O termo sempre foi suficiente para o que eu fazia e ensinava, mas o tempo passou e conheci outra nomenclatura que me chamou a atenção, o termo “Danças Populares”, o que também englobava tudo que eu fazia e deixava explícito, pelo menos para mim, que ainda era folclore. A partir daí comecei a chamar o que fazia de “Danças Populares”, mas sempre acontecia de alguém perguntar “o que seriam Danças Populares?” ou até mesmo começar a dizer, então você dá aula de tais danças, danças que pra mim não eram folclóricas. Sempre era necessário explicar os tipos de danças que eu ensinava, chegando a explicar que eram danças regionais.

O tempo passou e novamente voltei a dizer que o que eu ensinava eram Danças Folclóricas, dando ênfase que eram “Folclóricas”, o termo folclore vem de “Folk” povo e “Lore” saber, assim foi o nome dado pelo inglês William Thoms, após enviar uma carta a revista “The Atheneum” de Londres na Inglaterra. “A palavra folclore, grafada inicialmente folk-lore fora formada a partir das velhas raízes saxônicas em que folk significa povo e lore saber. Assim, segundo o seu criador, a nova palavra significaria sabedoria do povo.” (BENJAMIN, 2011, p. 1)

De certo modo, em todo momento que eu dizia danças folclóricas, as pessoas faziam um link com algo que elas elencavam como folclórico e acabavam entendendo, mas o que difere as danças folclóricas, das danças populares? Segundo Carvalho (1989, p. 8) “por mais que enquadremos cada coisa em seu lugar, ele nos mostra que ambas tem suas peculiaridades, mas

que de certo modo se encontram por conta da mídia, que acabam parecendo ser a mesma coisa, sendo o folclórico como popular e o popular como folclórico e que tudo poderia cair dentro da mesma caixa, e tudo se tornaria cultura popular”. Mas na visão do autor ainda há muito o que discutir, pois esse tema sempre gera embate entre os pesquisadores.

Para ROCHA (2008, p. 219), “Nem toda cultura popular é folclórica”. Essas dúvidas me fazem refletir sobre o que venho fazendo até então, já que o tempo passa e as nomenclaturas vão se modificando. Minha atuação segue a mesma, os conteúdos se renovam a partir da minha pesquisa e do quanto eu aprendo vivenciando e corporificando cada dança que eu faço.

O que podemos observar, é que essa é uma discussão apenas dos estudiosos e da academia, porque para os brincantes aquilo tudo que eles fazem é o brinquedo, a brincadeira, é a sambada, é a festa, sem muita preocupação em ficar categorizando o que é cada performance, é a brincadeira e deu.

A discussão sobre o que é folclore e cultura popular ainda vai longe, o folclore sendo defendido pelos folcloristas e a cultura popular pelos pesquisadores populares, outro termo pesquisado e também usado é cultura tradicional que no diálogo com as transformações, sempre está em evidência, sendo tema de discussão, dentro de espaços culturais e acadêmicos.

3. A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

3.1 Do Estágio

Os componentes curriculares estágio no curso de dança são de extrema importância, pois dão aos alunos um grande panorama sobre o que realmente é estar atuando na escola. Essa experiência é muito importante porque na sala de aula, atuando como professor, podemos exercitar o ensinar conteúdos de dança. Aprendemos a lidar com a autonomia na seleção de conteúdos e com isso vem a responsabilidade de não ensinar qualquer conteúdo sem estudo prévio.

Para mim ter essas experiências me auxiliou de certo modo a conhecer os altos e baixos de ser professor, tive experiências não muito boas, mas também tive vivências ótimas, como este estágio que se tornou objeto de estudo desta pesquisa. Este estágio foi uma oportunidade de contrariar todas os estágios que não foram bem-sucedidos. Ao contrário dos outros, este foi muito bom porque não me frustrei. A frustração é algo que desestimula muito o aluno de licenciatura no processo do estágio, já que muitos, por não ter experiência alguma com a sala de aula, acabam vendo todo seu planejamento ir por água abaixo.

É triste perceber que aquilo que você passou horas em casa planejando não está dando certo. Talvez pela falta de manejo com os alunos em sala, o conteúdo elaborado acaba se perdendo. Mas não é disso que venho falar neste capítulo e sim da experiência deste estágio que me deu tantos frutos bons.

Estagiar foi um grande desafio depois de tudo que eu havia passado nos outros estágios. Segui, mesmo sabendo que podia fracassar ou até me frustrar novamente. Utilizei metodologias teórico-práticas para aplicar os conteúdos de dança que selecionei. Organizei um estudo sobre danças dramáticas e a manifestação folclórica, tendo como brincadeira central o cavalo-marinho. Levantei questões sobre o que é folclore? o que é o saber popular? costumes e outras temáticas que me levassem a discutir sobre cultura tradicional e popular, fazendo com que os alunos refletissem sobre os costumes e saberes que os rodeiam.

O estágio aconteceu em um lugar muito bom, a escola E.M.E.F Piratinino de Almeida, local que estagiei onde contava com um projeto de dança e uma cultura de dança que foi se estabelecendo, o que foi de grande valia, pois contribuiu muito para que houvesse mais um estágio de dança na escola.



“Figura 3: Fazendo a introdução aos conteúdos de cavalo-marinho” Ano (2017)
Fonte: Acervo pessoal

Qualquer conteúdo de dança aplicado em aula se tornava de fácil aceitação, pois já havia passado por ali um aluno do curso de dança-licenciatura (UFPEL), que estagiou na escola e construiu uma cultura de dança na mesma, a partir disso construiu também um projeto de dança, e isso me possibilitou uma melhor inserção na escola. Outros fatores importantes foram a turma e a professora responsável pelo ensino de artes.



“Figura 4: Profª Daniela Mendiondo fazendo uma atividade sobre Pop Art” Ano (2017)
Fonte: Acervo pessoal

Uma turma de 9º (nono) ano com seus treze, quatorze anos, escolhida não por acaso, já que eu havia vivido experiências malsucedidas com alunxs com idade bem mais abaixo, entre nove, dez anos. Percebi que os alunos do 9º (nono) ano por estarem numa fase de transição do ensino fundamental para o médio, tinham o desejo de conhecer novos conteúdos, eles estão saindo do ensino fundamental, e tem receio do que vem pela frente. Isso, talvez, os deixem mais vulneráveis e sensíveis a receber novas informações.

A professora-supervisora responsável pela disciplina de artes, ajudou muito com os alunos, sempre aberta às propostas, e levava conteúdos que fomentavam uma educação crítica, formadora de sujeitos pensantes, isso facilitou bastante a inserção do meu conteúdo dentro da rotina deles, já que eu estava trazendo conteúdos que movimentavam não só o imaginário deles, mas também seus corpos. Eles iriam sair da sala fechada e se movimentar fora dela, e de forma dançante, experimentando conteúdos de Dança, a partir do viés da arte.

Os dois pontos que citei foram cruciais para o acontecimento deste estágio, o projeto de dança e a aceitação da professora sobre os conteúdos, e dentro de todo o processo também teve a aceitação da turma em relação ao conteúdo escolhido, a recepção da equipe gestora da escola.

Meu estágio tinha como base um ponto chave que iria se desdobrar em alguns outros, e esse ponto era o folclore. Como eu iria conseguir trabalhar com esse tema dentro da escola a partir da dança? Para o desdobramento do meu projeto do estágio, trouxe como temática as danças dramáticas, de acordo com Mario de Andrade (2019, p. 1).

As Danças Dramáticas Brasileiras são de temática e origem variadas, e é muito difícil categorizá-las precisamente, porém encontra-se entre elas diferenças consideráveis e características próprias. Uma categorização mais ampla e generalizada pode ser feita em quatro grupos: Cheganças, Reisados, Pastoris e Ranchos (Ternos). O que se observa quanto a origem geral delas, é que todas, direta ou indiretamente, são de origem religiosa. Apesar de algumas não terem mais caráter místico, é muito certo que sejam originárias de antigos autos e cortejos religiosos ibéricos.

Apresentei aos alunos algumas manifestações reconhecidas como danças dramáticas do nosso país, após apresentação trouxe um material de pesquisa sobre o cavalo-marinho, (manifestação da zona da mata norte de

Pernambuco), e ali realmente começou o meu estágio. É a partir do cavalo-marinho, que tento transportá-los para outro lugar.

A forma que encontrei para passar esses ensinamentos, foi a partir da figura do Ambrósio, personagem central dentro da manifestação, escolhi este personagem para ensinar, porque percebi que através dele eu poderia ter mais liberdade para falar de forma mais informal com os alunos, conseguiria trazer um personagem para dentro da sala de aula sem ser algo infantil e tratar o aluno de igual para igual sem o mesmo achar que aquilo é algo bobo.

Foi desafiador e ao mesmo tempo gratificante, pois estou corporificando ali a manifestação em si, trazendo-os para dentro do conteúdo com mais facilidade, já que até a forma de comunicar era pensada para atingir os alunos. Conversando e ensinando com um linguajar mais informal, senti mais facilidade na compreensão e atenção deles, conseguindo assim, conectá-los a mim, e mostrando para mim mesmo que o professor também se comunica e ensina com um linguajar informal.

3.2 Ensino de dança

A dança é uma atividade cultural importante para a escola E.M.E.F Piratinino de Almeida, antes, durante e depois que estive lá como estagiário. Pude perceber que a dança já havia criado uma raiz ali naquele espaço, através da atuação da profa. Sandra Dias (egressa do curso de Dança-Licenciatura da UFPEL), que após estágio criou um projeto de dança na escola, desenvolvendo uma cultura de dança naquele espaço.

O ensinar dança para esta turma estava pautado no que eu poderia explorar de melhor neles, por mais que tudo aquilo fosse novo aos mesmos e que causasse estranhamento, eles estavam pré-dispostos a fazer e participar da aula. Mesmo quando se tem alunos que não estão muito a fim de fazer as atividades, o que era muito comum, estes acabavam participando para se manterem em grupo.

Ensinar dança também está muito pautado no interesse do aluno, por exemplo, recebi a informação da professora regente da turma que havia um aluno que quase não se interessava por nada, em um das primeiras atividades que fiz com a turma, ensinei a parte percussiva de células musicais do cavalo-marinho e notei que consegui aproximar aquele aluno que não se interessava por nada, de certo modo, aquele conteúdo conversava com o dia a dia dele, descobri depois que o aluno era integrante da bateria de uma escola de samba, então para ele aquele conteúdo se mostrava significativo, porque ele conseguiu utilizar os conhecimentos que aprendeu nos ensaios da bateria na escola de samba, isso foi revigorante para mim, e acho que para qualquer professor.

Desinteressado com todo e qualquer conteúdo que a escola oferece, o “aluno-problema” encontrou nos conteúdos que ensinei algo em comum com sua realidade. Muitas vezes nos deparamos com esses alunos, é muito satisfatório conseguir a participação deles em aula.

3.3 A turma

Na escola temos alunos de vários estilos, temos várias tribos, mas também temos muitas coisas em comum, o diverso que habita a escola é o que nos constrói como indivíduo e nos enquadra como seres sociais no mundo. Após a vivência com a família na primeira infância, começamos a socializar e aprender com o outro quando entramos na escola.

A diversidade corporal que encontrei na turma do 9º ano era algo que me fascinava, tinha alunos de quase todas os grupos de convivência da escola e isso de certo modo era bom porque haviam vários corpos.

A turma tinha suas peculiaridades, havia a galera do futebol, a galera do rock, a galera que não queria fazer nada, os que faziam tudo, os empolgados e os nem tanto, e isso era genial. Via em cada corpo um potencial enorme, a partir das atividades feitas com os alunos, eles respondiam corporalmente de um jeito, o simples fato da resposta obtida, já me deixava alegre, porque era preciso ser atrativo para que eles fizessem as atividades planejadas, claro que nem todas as atividades planejadas saíram como desejado, pois haviam alunos que não faziam, por estar sem vontade, ou por timidez, ou até por não gostarem em um primeiro momento do que estava sendo ensinado.

3.4 Dos jeitos e trejeitos em sala de aula

O modo de planejar as aulas era de acordo com a linha de aprendizagem que tive, a dança Cavalo Marinho se fazia por uma linha de raciocínio que criei também partindo do modo que aprendi, começando pelo brinquedo e partindo para as figuras. De modo geral tinha como estrutura para ensinar o modo em que a manifestação/dança é construída, iniciando com a brincadeira do “*Mergulhão*” e entrando no Auto com a entrada das figuras, não podendo esquecer da parte musical que é essencial ensinar na escola, já que pode haver alunos que tem um vínculo maior com a música do que com a dança, por isso dou ênfase também à parte musical da manifestação.

Minha didática parte do aprender na prática, procuro usar de metáforas para auxiliar no entendimento dos alunos, mas não deixo de usar o modo diretivo e outras estratégias didáticas como repetição: desmembramento de movimento, força e aceleração, sem esquecer da parte musical onde procuro usar metáforas para ensinar a musicalidade da manifestação. Como exemplo, o ensinar do toque da “*Bage*”, um instrumento de percussão usado na manifestação, onde o tocador faz movimentos com a mão para cima e para baixo de forma rápida com uma paleta de bambu e uma mão segurando a “*Bage*” em outra produzindo um som agudo de madeiras em contato. Para ensiná-los busquei levar esse movimento para os pés, fazendo com que os alunos reproduzissem o som e o movimento usando seus pés, claro que com uma frequência menor de movimento, mas dando a ideia de como funciona tocar uma “*Bage*”.

Sempre busquei criar jogos didáticos para ensinar, mas nunca deixei de lado outras formas que fui aprendendo com o tempo, usando também metáforas como didática para conseguir um melhor alcance com o conteúdo.

“[...] didática é, acima de tudo, a construção de conhecimentos que possibilitem a mediação entre o que é preciso ensinar e o que é necessário aprender; entre o saber estruturado nas disciplinas e o saber ensinável mediante as circunstâncias e os momentos; entre as atuais formas de relação com o saber e as novas formas possíveis de reconstruí-las.” (BARBOSA apud PIMENTA et al 2017, p.6)

Ter muitas estratégias didáticas para ensinar pode nos confundir, mas outra didática que aprendi nesse tempo de universidade, foi a fragmentação do

conteúdo, quanto mais fragmentado, mais fácil o entendimento. Ainda fico muito preso no modo de ensino das academias de dança, onde o professor fica quase o tempo todo de costas para o aluno, mas ando mudando essa forma de posicionamento para ensinar, desvinculado do espelho, rompendo com o copia e cola, faço do contato “olho no olho” a melhor maneira de ensinar. Então quando ensino o cavalo-marinho busco sempre o “cara a cara”, o toque se for preciso. Não deixando que a experiência se torne uma experiência fria.

Quando se trata de Cavalo Marinho para mim é sempre brincadeira, não é à toa que me considero um brincante das manifestações populares, busco continuamente uma forma de brincar fazendo, e de ensinar brincando e assim por diante. Faço uso do método diretivo para ensinar, mas busco dentro dessa direção instigar o aluno a entrar na brincadeira improvisada, espontânea, pois as manifestações populares são realmente uma grande brincadeira, claro que o ensinar é uma via que tem que ser tratado de forma séria para não perder a credibilidade.

A avaliação dos alunos tomou dois caminhos diferentes, no início do estágio fui encarregado de avaliar a turma pelo bimestre que passaria com eles, então fui implicitamente obrigado a avaliá-los. Acredito na avaliação a partir do processo do aluno, sem chegar no fim e atribuir uma nota, avaliando o mesmo como uma peça qualquer ou algo que está concorrendo em uma competição, então acabei a partir do meu processo de avaliação, não só pelo processo todo, mas também por trabalhos feitos ao decorrer do processo, só aí então consegui avaliá-los com uma nota.

Avaliação é um instrumento permanente do trabalho docente, tendo como propósito observar se o aluno aprendeu ou não, podendo assim refletir sobre o nível de qualidade do trabalho escolar, tanto do aluno quanto do professor, gerando mudanças significativas. (OLIVEIRA et al, 2008, p. 2386)

Podemos notar que ainda existe uma dificuldade de se emplacar novos tipos de avaliação, pois exigem um reconstruir do docente e os que tentam firmar algo novo, correm o risco de se frustrarem.

Pude perceber com esse método de avaliação que usei para avaliar os alunos, o que realmente deu certo e o que deu errado no processo do estágio. Funcionaram as atividades de pesquisa sobre a manifestação popular que

estávamos estudando, já em relação as práticas corporais, ficou evidente que os alunos aderiram muito bem os conteúdos.

Fazer uma revisão de todo o conteúdo com eles, foi bom para assimilar tudo o que haviam aprendido e claro acabamos em uma roda de *mergulhão*, estes momentos eram tão bons que em um certo dia os alunos ficaram sem um professor para dar aula e optaram por continuar comigo aprendendo mais um pouco sobre outros conteúdos do cavalo-marinho.



“Figura 5 e 6: Ensinando os passos do *Mergulhão* para os alunos” Ano (2017)
Fonte: Acervo pessoal

Dos modos de abordagem que usei para chegar nos alunos com mais contundência, o que mais funcionou foi a linguagem informal. Consegui me aproximar para uma comunicação mais direta, a partir do momento que mostrei ser uma pessoa comum igual a eles, quebrando a quarta parede entre o professor e o aluno, entendendo e falando as mesmas gírias que eles, já que a diferença de idade não era muito grande entre nós. Percebi que ali consegui capturá-los deixando a entender que não havia uma hierarquia, quem estava ali com eles era um professor-estagiário naquele momento, e estava ali para ensinar, deixando evidente que em nenhum momento estava desmerecendo o cargo do professor, que estava ali todos os dias para cumprir o seu papel de professor-brincante da cultura popular.

4. A BRINCADEIRA DO CAVALO-MARINHO

Seu Ambrósio é bom demais!

Seu Ambrósio

é bom demais!

Seu Ambrósio

é bom demais!

Seu Ambrósio

é bom demais!

(canção para Ambrósio)

O meu primeiro encontro com o Ambrósio veio de supetão, quando eu menos esperava apareceu aquele até então personagem com uma movimentação que me fascinou, é como o capitão diz, “Vai até o fundo do matulão mexe bem e me traz a melhor figura”, essa melhor figura foi Ambrósio nesse dia, era um congresso de professores em Campinas-SP, o primeiro congresso de professores que eu participava na minha vida.

Muitas coisas já haviam acontecido durante os dias, mas na noite em que o Ambrósio surgiu foi mágico, quem botou Ambrósio nesse dia foi Alicio, ator e bailarino da Cia Mundu Rodá⁵, hoje em dia meu amigo. O mesmo botou com maestria a figura no samba, ali naquele momento não via Alicio, via apenas Ambrósio, um vendedor de figuras que, com toda sua lábia, queria vender suas figuras para o capitão, figura bem vivida, bem rodada, sabia que o capitão não ia negar, usou de todos seus artifícios e vendeu tudo para o capitão! Todas as figuras! Depois se despediu ouvindo ao fundo os músicos cantarem, “Seu Ambrósio é bom demais! Seu Ambrósio é bom demais!”, que noite!

Para mim Ambrósio é gente da gente, uma figura que já rodou o mundo vendendo figura, sabe muito bem o que quer da vida, me identifico com ele, seu modo rasteiro de levar a vida, malemolente que só ele, a cada chegada é uma alegria, espírito bom que enche o ambiente de alegria, que bom que pude conhecê-lo e hoje em dia ter por onde visitá-lo. Ambrósio para mim é gente da gente, pode estar tanto na sambada quanto na sala de aula, fazendo o que?. Vendendo figuras e ensinando o que sabe para quem quiser aprender.

A ideia de usar a figura do Ambrósio como ferramenta para comunicação com os alunos foi ousada, por que sabia que o estranhamento

⁵ A Cia. Mundu Rodá de Teatro Físico e Dança (SP), fundada em 2000 pelos artistas Juliana Pardo e Alício Amaral.

poderia existir por ser algo muito diferente da realidade dos alunos. Senti que precisava explorar mais do que esta figura poderia me dar.

A primeira trilha que segui foi a da linguagem, a forma de comunicação neste momento poderia ser de extrema importância para que todo o resto do que estava por vir desse certo, me aproximar dos alunos falando o mesmo linguajar que eles foi uma sacada que funcionou muito porque minha forma de linguagem não estava muito distante da deles, o que mais era de se ter medo mesmo era a aceitação em relação aquilo que estava ali na frente deles.

Para melhor explicar trago uma breve descrição de quem é o Ambrósio, a partir do olhar de Athayde (2010), onde ela nos mostra como esta figura se constitui e o que representa;

A figura do Ambrósio (Seu Ambrósio, Mestre Ambrósio, são várias as maneiras com que ele é nomeado) exerce uma função de grande significado para a brincadeira do Cavalo-Marinho. Ela é traduzida através de uma expressão individual, por meio de uma linguagem da gestualidade e uma movimentação corporal baseada nos vários tipos de figuras: a figura humana, animal e a sobrenatural, pela via da imitação e que são executadas uma a uma durante a sua permanência no terreiro. A figura é desenvolvida por homens e é muito respeitada pelos mestres e figureiros devido ao seu significado simbólico – a criação da comunicação por meio da síntese das figuras. (ATHAYDE, 2010 , p. 64)

A autora nos mostra que o Ambrósio é nada mais nada menos que a síntese da brincadeira, e acredito nisto pois o vejo como peça chave e fundamental para a brincadeira, como o detentor dos conhecimentos sobre todos desta brincadeira, já que o mesmo é um vendedor de figuras, cada figura compõe um personagem da brincadeira, e para se vender uma figura tem que conhecer a mesma, ele como um grande conhecedor de sua mercadoria acaba sendo o conhecedor de toda a brincadeira.

Com este mesmo olhar faço do uso dele para o ensino da dança na escola, assim como vejo ele como conhecedor da brincadeira, começo então a vê-lo também como sabedor dos costumes e tradições que o folclore é, e uso de sua figura para ensinar danças populares na escola.

Com o uso deste conhecimento e do uso corporal, trago para a sala de aula este Ambrósio que é mais que um vendedor é um grande mestre “Griô”⁶

⁶ “A palavra griot é de origem francesa e denota a princípio os genealogistas, contadores de história, músicos e poetas populares dos grupos étnicos africanos Bambaras e Fulas na região do Mali. São etnias

por assim dizer, já que traz em seu corpo uma vivência folclórica que nenhum dos alunos havia visto até então.

Meu intuito era ensinar folclore através da dança, usei da figura do Ambrósio para me aproximar dos alunos, levando assim, todo o estágio de forma com que o Ambrósio fosse o grande guia desta viagem pelo folclore, entre saberes e costumes e vi ali uma ferramenta valiosíssima para usufruir, analisando todo o processo. Hoje consigo avaliar a experiência docente e vejo que ali existiam de fato duas personas o João artista e o Ambrósio figura do cavalo-marinho, separadas talvez pelos simples fato de um ser apenas uma figura ficcional. Posso dizer que o Ambrósio me abriu caminhos para trabalhar dentro da sala de aula, assim como ele é visto dentro da brincadeira, segundo Athayde (2010, p. 65) “Ambrósio é a figura que abre a brincadeira, por isso é identificado como um abridor de caminhos”.

Segundo Athayde (2010), a construção de um corpo para este Ambrósio não é tarefa fácil, em termos de criação corporal para a dança pensar ele é se desdobrar para encontrar o Ambrósio dentro de si, para isso é preciso vários estímulos e tarefas.

A representação de Ambrósio se aproxima da figura mítica iorubana “Exu”, ou “Bará”. É ele quem mostra se a brincadeira vai ser boa ou não, tomei isso como ensino na realização do estágio dentro de sala de aula, estar Ambrósio me dava noção de como seria a aula naquele dia, se os alunos estivessem muito tranquilos eu levava a aula bem de João mesmo podendo assim levá-los para outros lugares fora do cavalo-marinho, mas se eles estavam agitados, aí é que o Ambrósio entrava em cena quase como incorporação, porque eu ia entrando nesta dispersão dos alunos já como Ambrósio e rapidamente ia cadenciando toda a situação para a aula começar, procurando brechas onde eu conseguisse trazê-los para dentro da aula sem forçá-los a nada, chegando a haver situações em que os alunos pediam para termos mais um período de aula para dar conta de todo o conteúdo do dia.

Me sinto em casa para fazer a comparação entre Exu e Ambrósio, pois após longa pesquisa de criação, atuo como bailarino encenando Exu no

espetáculo “Dança dos Orixás” da Cia Daniel Amaro⁷. O que me leva a afirmar que o Ambrósio se parece com Exu.

A figura do Ambrósio serviu de inspiração, seus movimentos e sua energia não é fácil ser/estar Ambrósio, é preciso de fato saber e conhecer bem o personagem/figura, por que pode soar artificial tudo aquilo. Ainda é muito difícil alcançar um bom Ambrósio, como artista tento aliar todos os meus conhecimentos para trazer essa figura à tona, porque ela não vai pra cena, ela vai para a vida real. Na vida real as coisas são bem diferentes, lidar com 34 alunos não é tarefa fácil, ainda mais quando se aborda uma linguagem que eles não estão habituados, neste caso a dança.

Tornar tudo isso acessível para os alunxs não é tarefa fácil, criar estas possibilidades de criação em dança não é simples quando não se tem um corpo habituado a dançar, danças que não são de sua região ou de seu cotidiano, ensinar e estar com estes movimentos no corpo é um grande desafio.

O ambiente de sala de aula é quase um local de pura rigidez, até surgir essa figura entre os alunos, Ambrósio vem para desconstruir toda a seriedade e superioridade entre aluno e professor, vem para trazer um clima mais desorganizado para o ambiente, clima este que foi construído com o tempo dentro de sala de aula, não foi sempre uma situação amistosa na nossa relação professor/aluno, cativá-los foi talvez o processo mais demorado que vivi em um estágio, mas tinha plena noção que não estava sozinho.

⁷ Cia Daniel Amaro, cia pelotense de danças de matriz africana, criada por Daniel Amaro pelotense nascido no bairro Vila Castilho em Pelotas/RS.

5. EU-PROFESSOR

Ser docente não é missão fácil, mas mesmo assim nos arriscamos, sabendo que nossa responsabilidade é importante para a vida de cada indivíduo que passa em nossa sala de aula. Me descobrir professor foi uma das maiores surpresas que pude ter por esses anos, pois quando entrei no curso de dança licenciatura contava apenas que seria mais um curso, claro, é um curso universitário e não qualquer curso, mas seria algo que apenas complementaria minha vida, essa certeza sempre me surgia pois não queria largar a vida artística para lecionar e muito menos lecionar em escola. Mas as situações são engraçadas quando o assunto é vida, após tantos momentos de frustração e apenas um momento de plano bem-sucedido dentro da escola foi o que mudou totalmente minha cabeça e me fez enxergar a licenciatura de um modo diferente e bem mais prazeroso.

A experiência com o estágio foi esse momento prazeroso que me fez mudar a cabeça, poder ensinar algo que faz parte de sua pesquisa enquanto artista para alunos que nunca viram nada sobre o assunto em questão (cavalomarinheiro), e deixá-los interessados por aquilo é gratificante. Ensinar dança na escola e conectar a cultura popular à educação é algo que me fascina enquanto professor.

Conseguir mostrar que os saberes e os costumes estão imbricados na vida deles, e que isto não é motivo para ter vergonha, realmente é algo que deixa qualquer pessoa feliz. Às vezes os jovens sentem vergonha de alguns costumes que são bem culturais em suas famílias ou até em sua região, um exemplo básico é a erva mate (chimarrão) para as pessoas do sul, é um costume que está na região sul do país há muito tempo e que os jovens não param para pensar que isso é um costume, é cultural. Às vezes julgam como um “costume de velho”, mas é tradicional na cultura local.

Ser professor é aprender a cada dia a vender o seu saber, o seu conteúdo, e faço uma comparação a figura do Ambrósio, figura essa que é o material deste trabalho, nós professores somos grandes vendedores do saber, criamos nossos meios para ensinar e os aprimoramos a cada dia, e não foi diferente para mim, me inspirar no Ambrósio e até trazê-lo para sala de aula foi um modo de aprender ensinando. Ali estava eu aprendendo a ser professor,

entre erros e acertos me via como um grande vendedor, detentor de todo o conteúdo que tinha para ensinar.

Estudando a figura do Ambrósio, o vendedor de figuras, aprendi a lidar com o fato de precisar me reciclar todos os dias, aprendendo toda vez uma forma de ensinar algum conteúdo. Isso requer preparo e muita lábia para não deixar o assunto desinteressante.

Estar de Ambrósio na sala de aula me trouxe uma segurança que nunca havia tido em minha vida, não só pelo fato de conhecer o conteúdo, mas sim pela bagagem que esta figura tem e representa em minha caminhada. Ambrósio tem a malemolência que qualquer um gostaria de ter, seu jeito de levar as coisas é de dar inveja, não é qualquer um que venderia uma figura bem vendida nos dias de hoje. Apenas ele tem essa destreza.

Busquei encontrar essa destreza em mim dentro da sala de aula, aprendendo a vender o conteúdo para os alunos? Como iniciar uma discussão? como instigar pensamento crítico? Como ensinar dança popular na escola? Essas foram questões que me peguei pensando enquanto professor no meu estágio, pois mesmo com o auxílio de tudo que já havia estudado, não me via com ferramentas suficientes para atuar na educação básica.

Antes do eu-professor sempre esteve presente o eu-artista, e as coisas sempre se constituíram a partir disso, todos os caminhos eram a partir disso. Então com esse pensamento chego na escola sendo o artista que se torna professor, com isso a identidade da minha escrita nesse trabalho de conclusão de curso é construída a partir do meu eu artista que constituiu o eu professor, não podendo ser diferente no campo da pesquisa porque é uma expressão dessa construção do eu.

Eu não chegaria na escola colocando o eu professor que não tinha se construído inteiramente até então em primeiro plano, eu tinha que chegar como artista, tinha que chegar com um olhar sensível aos olhares de artista e não de professor, e foi o que aconteceu, foi dessa forma que cheguei à escola, e foi dessa forma que encontrei o meu eu professor, o meu eu pesquisador.

E por que o Ambrósio como peça fundamental dessa empreitada? Porque foi a partir dele que treinei a minha chegada, o meu jeito de conduzir as aulas, o meu jeito de vender o conteúdo. O Ambrósio em sala de aula causava um encantamento junto de um estranhamento que era incrível de se ver, era

algo mágico performar aquela figura fazendo o que de melhor sabe fazer. Não era só vender figura, era ensinar sobre o mundo se precisasse, a lábia dele faz até quem está desinteressado se interessar, transitar sobre temas da dança e do folclore para Ambrósio é algo que o mesmo tira de letra e sem pestanejar, trazendo risos, encanto e sabedoria para os alunos, assim eram os muitos momentos que ele estava presente em sala de aula.

Ambrósio me ensinou a ser professor, me ensinou a vender meu conteúdo, a trazer o encantamento para dentro da sala de aula, a frase “ser professor é mais que isso” dita no jargão popular, para mim se resume a uma palavra lábia, ser professor para mim é ter “lábia”.

Estar professor é algo que aprendemos com o tempo, mas para um aluno que está estagiando é algo que se passa muito rápido, então tive que aprender muito rápido a lidar com as situações de sala de aula, não era a primeira vez como professor em escola, mas como todas as outras vezes não tinham sido satisfatórias, este era o momento em que eu deveria virar o jogo e fazer dar certo, como sempre escutei tanto de professores de escola com os da universidade que não existe uma receita de bolo para ensinar, procurei usar de todas as ferramentas que possuía, neste momento a figura do Ambrósio me ajudou.

Usar as suas próprias ferramentas como auxílio é algo comum, mas devemos nos atentar às cópias de professor que queremos ser, pois temos nossas ferramentas, mas às vezes acabamos usando em cima de uma inspiração de um professor que passou ou ainda temos em nossa vida, e você nem sempre sabe as ideologias desse professor e acaba tornando-se uma mera cópia.

Durante a pesquisa conheci o método “*Teacher in role*” que em português foi traduzido para “*Professor-Personagem*”, segundo Vidor (2008, p. 9) “é um método que se utiliza de incorporar o personagem para o ensino do teatro na escola”.

A ideia de professor-personagem dialoga com o meu fazer no estágio, vem ao encontro com o Eu-Ambrósio. Ter que incorporar um personagem para ensinar parece ser quase que uma covardia, pois é quase certo que os alunos irão prestar a atenção em você, mas é claro que pelo método isso se mostra de forma estratégica, já que “o professor adquire o *status* de organizador,

facilitador, tendo responsabilidade como membro mais maduro do grupo.” (VIDOR, 2008, p.10), conduz situações que talvez de “cara limpa” teria um pouco mais de dificuldade para conduzir. Vidor, (2008, p. 11) afirma que “o fato de os professores não precisarem atuar, no sentido do ator, não significa que eles não possam atuar como atores, desde que não percam de vista o contexto no qual estão trabalhando”.

O método “*Professor-Personagem*” traduz a estratégia metodológica que utilizei no estágio quando o assunto era estar de Ambrósio. Vidor lista algumas estratégias, são elas:

1. Agir *como* se fosse outra pessoa diante dos alunos; 2. Improvisar sua fala de acordo com o que surge na relação aqui e agora; 3. Sustentar o papel, sua lógica e simultaneamente, manter os objetivos pedagógicos; 4. Aceitar o imprevisível, o acaso, mudando o rumo sempre que necessário. (VIDOR, 2008, p. 11)

Usar o Ambrósio com ferramenta para o ensino, auxiliou minha constituição enquanto professor, uma vez que trago na bagagem o eu-artista multifacetado, livre para explorar no ambiente escolar novas possibilidades para o ensino de arte.

6. CONCLUSÃO

A experiência do estágio é uma vivência que pode transformar o discente, fazendo a diferença tanto em sua vida acadêmica quanto em sua vida docente fora da academia, buscar formas de ensinar, construir planos de aula, estudar o conteúdo são coisas que te constroem até mesmo como cidadão. O estágio dá subsídios para testar seus planos de aula, propiciando uma gama de experiências na seleção de conteúdos e criação de material para trabalhar, por isso acredito na experiência que a disciplina de estágio oferece. Dito isto, percebo também a importância da dança no ambiente escolar, como ela pode transformar os alunos, desde o aluno que é considerado o faz tudo em sala de aula, até o aluno dito “problema”.

Percebo que a educação tradicional está estagnada no tempo, e isso é preocupante, vejo esperança na dança, acredito que os conteúdos de dança baseados nas culturas tradicionais sejam uma possível chave, pois o tradicional nos coloca novamente em relação com as nossas bases, com a nossa cultura, com o que é simbólico.

Levar a dança da manifestação do Cavalo Marinho para a escola foi uma vitória para mim, sei que é uma manifestação distante tanto para mim, quanto para os alunos, mas poder mostrar para eles um outro lado do Brasil que também é muito encantador, potencializa meu envolvimento com eles e me deixa mais empolgado ainda para trabalhar com dança na escola e falar sobre folclore e cultura popular.

Tirar proveito de algum elemento cênico, seja ele qual for, dança, canto, personagem, figurino, iluminação, etc, é muito vantajoso na hora de ensinar, foi o que aconteceu no processo do estágio. Ambrósio foi a maior ferramenta que eu poderia ter encontrado na disciplina, foi um mediador auxiliando e atuando em sala de aula, performar o Ambrósio era estar munido de saberes que só ele poderia me inspirar naquele momento. Ele foi a peça chave para o desfecho de todo o processo tanto do estágio como da pesquisa. Peça fundamental para o ensino da dança.

Concluo ressaltando que mesmo sem ser professor de dança, qualquer professor pode incorporar personagem em sala de aula, qualquer um pode munir-se dessa ferramenta, pois o ensino que transporta o aluno a lugares

onde ele nunca visitou, pode ser o ensino mais transformador em sua vida, então só tenho que agradecer a essa figura chamada Ambrósio. Finalizo afirmando que pra mim Ambrósio é:

A vida...
Invivida...
Revivida...
Trevivida...
Redividida...
Sobrevivida...
na vida de alguém!
(Texto retirado do espetáculo "Donzela Guerreira")

REFERÊNCIA

ACSELRAD, Maria. **“Viva Pareia!” A arte da brincadeira ou a beleza da safadeza: Uma abordagem antropológica da estética do Cavalo Marinho.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

ACSERALD, Maria. **Viva Pareia! Corpo, dança e brincadeira no cavalo-marinho de Pernambuco.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas Brasileiras I** <<https://armorialbrasileiro.wordpress.com/2014/01/28/dancas-dramaticas-brasileiras-i/>> Acessado: 02 Set. 2019

AGENCIA DO SENADO. Lei inclui artes visuais, dança, música e teatro no currículo da educação básica, Fonte: **Agência Senado** <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/lei-inclui-artes-visuais-danca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica>>, Acessado em 10 Set. 2019.

ATHAYDE, Vera Cristina Santos e Silva de. **Uma máscara, um corpo - a figura do Ambrósio - a brincadeira do cavalo-marinho de Pernambuco como fonte renovadora da criação em dança.** 2010. 171 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/283970>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais.** São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, F.A.S.; FREITAS, F.J.C. **A didática e sua contribuição no processo de formação do professor.** Revista do Saber, Ed. Especial. 2017.

BARRETO, D. DANÇA... ENSINO, SENTIDOS E POSSIBILIDADES NA ESCOLA DANCE... EDUCATION, FELT AND POSSIBILITIES IN THE SCHOOL. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 1, n. 1, p. 104, 31 out. 2007.

BENJAMIN, Roberto. **Conceito de folclore**. 2011. <https://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf> Disponível em: Acesso em: 15 Mar. 2019.

BENJAMIN, Roberto. **Folguedos e danças de Pernambuco**. Recife: Ed. Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1989.

BENJAMIN, Roberto. **Pequeno Dicionário do Natal**. Recife: Sociedade Pró-Cultura, 1999.

CARVALHO, Jose Jorge de. **O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna**. In: SEMINÁRIO FOLCLORE E CULTURA POPULAR: as várias faces de um debate. Rio de Janeiro: IBAC, 1992.

GARIBA, Chames Maria Stalliviere. FRANZONI, Ana. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 02, p. 155-171, 2007.

GONÇALVES, F.K. GRAUPMANN, E. H. O ENSINO DO FOLCLORE NAS ESCOLAS: A PERSPECTIVA DE DOCENTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. Anais Educere. **XII Congresso Nacional de Educação: Formação de Professores: contextos, sentidos e práticas**. 2017.

GRILLO, Maria. **Cavalo-marinho: um folguedo pernambucano**. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. 18. 10.5007/2175-7976. (2011), v18, n.26. p138.

IRWIN, Rita. A/R/Tografia: Engajamento como filosofia de pesquisa e prática profissional. **Revista Científica/FAP**, v. 14, n. 1, 2016.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez; 2003.

OLIVEIRA, Adriana; APARECIDA, Celena; SOUZA, Gelsenmeia M. Romero. **Avaliação: conceitos em diferentes olhares, uma experiência vivenciada no curso de pedagogia**. In: Educere – PUCPR, 2008. Disponível em: < http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/510_223.pdf > Acessado em: 06 Jun. 2019.

PEREIRA, S. R. C., CANFIELD, Marta de Salles, Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento. **Revista Kinesis**, Porto Alegre, n. 25, p.60- 61,2001.

ROCHA, Gilberto. (2009). "Cultura popular: do folclore ao patrimônio". Mediações: **Revista de Ciências Sociais**. 14(1), 218-236.

TENDERINI, Helena Maria. **Na pisada do galope: Cavalo Marinho na fronteira traçada entre brincadeira e realidade**. Dissertação de mestrado UFPE, 2003.

VIDOR, H. B. O professor assume um papel e traz, por que não, um personagem para a sala de aula: desdobramentos do procedimento teacher in role no processo com o drama. **Revista Urdimento**. Florianópolis, vol 1, nº 10, p. 9 – 18, dez. 2008.